



የኢትዮጵያ ኦርቶዶክስ ተዋሕዶ ቤተ ክርስቲያን ሃይማኖትና ሥርዓት

The Ethiopian Orthodox Tewahedo Church Faith and Order

**Cristo è risuscitato dai morti,  
schiacciando la morte con la morte,  
con grande potenza e autorità divina.  
Ha legato Satana con catene,  
e a coloro che sono nelle tombe ha donato la vita;  
Adamo ha liberato,  
e d'ora in poi regneranno gioia e pace in eterno.**

### Os Cinquenta Dias Radiantes: Um Antegozo do Sábado Eterno

No ritmo sagrado do ano litúrgico ortodoxo, existe uma estação de luminosidade sem igual, conhecida como Be'ale Hamsa — os "Cinquenta Dias de Alegria". Estendendo-se desde a gloriosa aurora da Ressurreição até à descida ígnea do Espírito Santo no Pentecostes, este tempo santo não é meramente um segmento do calendário, mas um Kairos santificado. É uma janela para a eternidade, onde a Igreja sai das sombras da Queda para a luz incessante do "Oitavo Dia".

A essência desta estação encontra-se no profundo conceito teológico de *ሰረፍተ ነፍስ* (*Erefta Nefs*) — o Repouso da Alma. Durante estes cinquenta dias, a Igreja atua como um ícone vivo do Reino Celestial. Para significar isto, os antigos rigores davida espiritual são transformados: os jejuns tradicionais de quarta e sexta-feira são suspensos, e as prostrações penitenciais da *Metanoia* são postas de lado. Isto não é uma concessão à fraqueza humana, mas uma proclamação audaz da vitória de Cristo. Ao suspender o *Kanona* (a penitência), a Igreja declara que o Senhor nos livrou da "Morte da Alma". Como o Profeta Isaías outra sussurrou sobre esta restauração: "O Senhor te dará descanso do teu sofrimento, e do teu temor, e da dura servidão em que te fizeram servir" (Isaías 14:3).

No cerne desta celebração está a pessoa de nosso Senhor, as Primícias (*Bekur*) do nosso próprio levantamento. Como nos assegura São Paulo: "Mas agora Cristo ressuscitou dos mortos, e foi feito as primícias dos que dormem" (1 Coríntios 15:20). Porque a Cabeça ressuscitou em glória, o Corpo — a Igreja — tem a certeza da sua própria transformação. A "Soberania da Terra" (*Sir'ate Midir*), governada pela fome, pela sede e pela marcha inexorável da decadência, é aqui superada pela "Ordem do Mundo Vindouro". Nesta atmosfera pascal, até o nosso culto muda; a Divina Liturgia e os cânticos sagrados são realizados de uma forma que exclui a exaustão, refletindo o louvor espontâneo das hostes angélicas.

Este "alívio" litúrgico serve como uma ferramenta pedagógica, ensinando-nos a contemplar a nossa herança final. Olhamos para um reino onde o "Poder da Carne" (*Hayla Zer*) e a "Natureza Animal" (*Hayla Ensesa*) são refinados em glória espiritual. É um estado além dos ciclos de nascimento e envelhecimento, fora do alcance do tentador e além do silêncio da sepultura. Somos lembrados da promessa no Apocalipse: "Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede... e Deus limpará de seus olhos toda a lágrima" (Apocalipse 7:16-17).

Em última análise, o Tempo da Ressurreição é a "Escola da Eternidade". É um tempo em que as nossas bocas se enchem de louvor espontâneo e as nossas vidas são separadas da iniquidade, oferecendo um vislumbre de uma era vindoura onde viveremos em justiça perpétua. Através da Ressurreição de Cristo e da sua posterior Ascensão, a espiral descendente da degradação humana foi invertida, e a salvação da alma e do corpo foi assegurada. Como nos lembra a Epístola aos Hebreus: "Portanto, resta ainda um repouso para o povo de Deus" (Hebreus 4:9). Nestes cinquenta dias, não apenas esperamos por esse repouso; começamos a habitá-lo, provando a doçura do Reino Celestial e o dom da Vida Eterna.

## Semana I: O Despertar do Corpo (A Oitava da Páscoa)

- Tema: Vitória sobre a Sepultura.
- Escritura: "Ora, o último inimigo a ser destruído é a morte." (1 Coríntios 15:26)

Reflexão: Se a sepultura não pôde retê-Lo, que "ordem terrestre" poderá prender-te?

### Segunda-feira Ma'dot: A Travessia Ontológica da Sombra para a Substância

No esplendor imediato da Gloriosa Ressurreição, a Santa Igreja reservou a segunda-feira da Oitava da Páscoa como um dia de profunda contemplação mística conhecido como Ma'dot — um termo que significa "A Grande Travessia". É o dia em que os fiéis param para contemplar a ponte cósmica que atravessa o abismo zwischen o velho mundo e o novo. É uma celebração litúrgica da transição definitiva da alma humana: uma passagem do frio domínio da Morte para o vibrante Reino da Vida, das profundezas de *Hasar* — a ignomínia da nossa natureza decaída — para as alturas sem sombra da Glória Divina, e do silêncio desolado do Sheol para as pastagens verdejantes e vivificantes do Paraíso.

A teologia de Ma'dot encontra o seu eco antigo e profético no Êxodo de Israel. Tal como os hebreus estavam entre os carros de ferro do Faraó e o abismo ruginte, a humanidade esteve outrora presa entre a culpa esmagadora do pecado e os portões trancados do sepulcro. No entanto, como o profeta Moisés cantou sobre aquela primeira libertação: «Guiaste pela tua misericórdia este povo que resgataste; com a tua força os conduziste à tua santa habitação» (Êxodo 15,13). Neste dia de Ma'dot, a Igreja proclama que Cristo cumpriu esta sombra. Ele é o Capitão de um Êxodo maior que não apenas partiu as águas, mas pisoteou as portas de bronze e quebrou os ferrolhos de ferro, conduzindo os cativos de outrora para fora das trevas e para a manhã do Oitavo Dia.

Celebramos esta "Travessia" porque o próprio Cristo se tornou a nossa verdadeira Páscoa. O apóstolo Paulo resume esta mudança ontológica com clareza categórica, exortando os fiéis a «limpar o fermento velho... pois Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós» (1 Coríntios 5,7). Nesta vitória pascal, Cristo não é meramente um guia; Ele é a própria Ponte. Ao assumir a nossa humanidade na sua morte, Ele atravessou para a nossa mortalidade para que pudéssemos atravessar para a sua imortalidade. O opróbrio de Adão é lavado no sangue do Cordeiro, e a promessa outrora sussurrada ao ladrão na cruz — «Hoje estarás comigo no paraíso» (Lucas 23,43) — torna-se a herança universal para todos os que n'Ele se encontram.

Em última análise, Ma'dot ensina-nos que a Ressurreição não é um facto histórico estático para ser admirado de longe, mas um movimento dinâmico ao qual nos devemos unir. Somos agora um povo em transição, "atravessando" diariamente o "Egito" dos nossos velhos hábitos para a liberdade da Vida Nova. Caminhamos pelo deserto deste mundo já não como escravos dos elementos, mas como cidadãos livres da Jerusalém celestial, alimentados pelo Maná da Eucaristia e guiados pela Coluna de Fogo. Porque a Ponte da Cruz foi lançada sobre o abismo, passámos da morte para a vida, e a nossa jornada é agora uma ascensão perpétua para o coração de Deus.

## Terça-feira – Tomé:

### O Mistério da Chaga – São Tomé e a Certificação da Alegria

Ao romper do segundo dia da Oitava da Páscoa — tradicionalmente celebrado no ciclo litúrgico como a Terça-feira de Tomé — a Igreja detém-se para contemplar o encontro íntimo e abalador entre o Senhor Ressuscitado e o Apóstolo duvidoso. Este é o dia do "Toque Sagrado", um momento em que a glória etérea da Ressurreição encontrou as exigências frias e duras da dor e do ceticismo humano. São Tomé, tendo perdido a aparição inicial do Senhor, permaneceu como representante de toda a humanidade que luta para transpor o abismo entre a visão e a fé. Ele declarou uma condição para a sua crença que era simultaneamente visceral e ousada: não se deixaria convencer por meros relatos ou aparições fantasmagóricas, mas exigiu ver a marca dos cravos nas mãos e meter a sua própria mão no lado onde a lança romana tinha trespassado o próprio Coração de Deus.

Nesta exigência, Tomé ecoou inconscientemente o antigo anseio do profeta Isaías, que falou de um Servo Sofredor por cujas "chagas fomos curados" (**Isaías 53,5**). Ele procurava a prova física dessa cura, querendo assegurar-se de que Aquele que estava diante dele era verdadeiramente o mesmo Homem que suportara a ignomínia do Madeiro. Quando o Senhor apareceu de novo, não repreendeu Tomé com raios ou ira; em vez disso, ofereceu a condescendência máxima do Amor Divino. Cristo convidou o Apóstolo para o santuário das Suas chagas, dizendo: "Põe aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; e chega a tua mão, e mete-a no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente" (**João 20,27**). Naquele instante estarrecedor, as "costelas" do Novo Adão tornaram-se a porta para uma nova criação, provando que a vitória de Cristo não apagou as Suas cicatrizes, mas glorificou-as como troféus eternos do Seu afeto pela humanidade.

Abalado pela realidade tangível do Deus Encarnado, Tomé exclamou uma confissão que se tornou o fundamento de toda a dogmática cristã: "Meu Senhor e meu Deus!" (**João 20,28**). Nesta frase curta e ofegante, o "incrédulo" tornou-se o primeiro a nomear explicitamente Jesus Ressuscitado como Soberano e Criador. Esta foi a certificação da Ressurreição — a prova de que o corpo que ressuscitou era o mesmo corpo que fora quebrado. No entanto, o Senhor concluiu este encontro com uma bênção que viaja através dos séculos até nós: "Tomé, porque me viste, acreditaste; bem-aventurados os que não viram e acreditaram" (**João 20,29**). Neste dia, a Igreja não recorda apenas um duvidoso; celebra o Apóstolo cujo toque confirmou a esperança do mundo. Aprendemos que, enquanto Tomé viu e acreditou, nós somos convidados a uma bem-aventurança superior — tocar o Senhor não com o dedo da carne, mas com a mão da fé, encontrando nas Suas chagas glorificadas a cura para as nossas.

## Quarta-feira – Lázaro:

### O Mestre do Abismo – Lázaro e o Arauto da Ressurreição Geral

Dentro da sagrada tapeçaria da jornada quaresmal, a Igreja detém-se para contemplar um milagre que se ergue como o terramoto definitivo antes da Paixão: a ressurreição de Lázaro do domínio de quatro dias da sepultura. Este evento não é meramente uma exibição de poder divino, mas um ataque tático contra o reino da Morte, servindo como um dos principais catalisadores para as autoridades terrenas tramarem a morte de Cristo. Ao chamar o Seu amigo para fora do túmulo, o Senhor demonstrou que a Morte não possui autoridade soberana sobre o Autor da Vida; pelo contrário, a Morte não é mais do que um servo que deve libertar os seus cativos sob o Seu comando. Como o Profeta Oseias outrora exclamou num desafio audaz ao abismo: «Ó morte, eu serei a tua peste; ó sepultura, eu serei a tua destruição» (**Oseias 13,14**), assim também Jesus se colocou à entrada da gruta em Betânia para decretar esta mesma ruína. Ele não realizou apenas uma reanimação; revelou a Sua própria identidade, declarando a uma Marta enlutada e a todas as gerações: «Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá» (**João 11,25**).

O significado dos «quatro dias» é profundo na tradição teológica, pois designa um estado onde a corrupção se instalara plenamente; contudo, mesmo a dissolução da carne não foi barreira para o Verbo que chamou o universo à existência. Neste momento, Cristo transpôs o abismo entre as expectativas da Antiga Aliança e a realidade da Nova Aliança. Ele provou que é o Senhor do Sheol mencionado pelo Salmista, que escreveu: «Pois não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção» (**Salmo 16,10**). Ao ressuscitar Lázaro, Jesus ofereceu um «tipo» ou um antegozo da Ressurreição Universal que aguarda todas as criaturas. Ele apresentou-Se como o Juiz Soberano que detém as chaves da sepultura, demonstrando que tem o poder de convocar todas as almas para uma comparência final — transformando o cemitério da história num campo de ceifa da eternidade.

Neste dia, a Igreja contempla a natureza dual deste levantamento: para os que n'Ele crêem, é uma «Ressurreição para a Glória» (*Tinsae ze-le-Kibiñ*), uma transição para a luz incessante da Divindade; mas para os que rejeitam a Sua graça, serve como uma «Ressurreição para o Opróbrio» (*Tinsae ze-le-Hasa*), um comparecer perante a verdade que procuravam evitar. Este mistério de Betânia serve de aviso e de esperança, ilustrando que a voz que sussurrou: «Lázaro, vem para fora!» (**João 11,43**) é a mesma voz que um dia despedaçará todos os sepulcros do mundo. Aprendemos que, embora a morte de Lázaro tenha sido a «razão» para a jornada de Cristo até à Cruz, foi também a prova de que a Cruz não seria o fim. O Senhor que ordenou que a pedra fosse removida do túmulo do Seu amigo já se preparava para remover a pedra do Seu, assegurando para toda a humanidade um caminho da corrupção da terra para a incorruptibilidade do Espírito.

## Quinta-feira – Adão:

### O Triunfo do Vencedor da Serpente – O Cumprimento da Antiga Promessa a Adão

Neste dia sagrado, a Santa Igreja volta o seu olhar para a própria aurora da história humana, contemplando o momento em que as antigas sombras do Éden foram finalmente dissipadas pela luz cegante da Ressurreição. Recordamos com trémula alegria o cumprimento do Protoevangelho — o "Primeiro Evangelho" — proferido pelo Criador após a Queda. Quando tudo parecia perdido no jardim da desobediência, Deus dirigiu à serpente uma palavra de guerra e de esperança, declarando: «E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar» (**Génesis 3:15**). Durante cinco milénios, Adão e a sua cansada prole esperaram no crepúsculo do Sheol pela chegada desta "Semente", aguardando Aquele que transformaria o "calcanhar ferido" do sofrimento no pé de ferro da vitória. Esta promessa foi a lâmpada vacilante que guiou os Patriarcas pelo deserto e os Profetas pelo exílio, um sussurro persistente de que a "cédula de dívida" contra nós seria um dia apagada.

Esta "Travessia" da escravidão para a liberdade realizou-se gloriosamente quando o Novo Adão, Jesus Cristo, desceu às partes inferiores da terra para despedaçar as portas de bronze que mantinham o primeiro Adão cativo. No mistério da Sua morte e levantamento, o Senhor não salvou apenas indivíduos; redimiu toda a linhagem humana. Tomou a mão do primeiro pai, Adão, e com ele todos os seus filhos, conduzindo-os numa procissão triunfal do pó da terra para a glória dos céus. Como o apóstolo Paulo proclama triunfalmente na sua carta aos Coríntios: «Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo» (**1 Coríntios 15:22**). A árvore da Cruz suplantou a árvore do conhecimento do bem e do mal, e o sangue do Cordeiro lavou as manchas do fruto proibido. Pelas Suas chagas, a inimizade é abolida e a espada flamejante dos Querubins é embainhada, pois o caminho para a Árvore da Vida está novamente aberto para os filhos e filhas dos homens.

Neste dia, a Igreja convida-nos a colocarmo-nos entre os dois Jardins — o Éden e o Sémen — e contemplar a restauração total da nossa natureza. Vemos o cumprimento do clamor do Salmista: «Converteste o meu pranto em folguedo; tiraste o meu cilício, e me cingiste de alegria» (**Salmo 30:11**). A libertação de Adão é a nossa própria libertação; o seu resgate do opróbrio (*Hasar*) do pecado é o penhor da nossa própria dignidade como filhos de Deus. Ao lembrarmos esta antiga promessa cumprida, reconhecemos que na Ressurreição de Cristo, a história do homem foi reescrita. Já não somos definidos pela queda do primeiro Adão, mas pelo levantamento do Segundo, que nos conduziu para fora das trevas da sepultura para a maravilhosa e incessante luz do Seu Reino eterno.

## Sexta-feira – A Santa Igreja:

### A Esposa Mística – A eclesiologia do Sangue e da Pedra Viva

Neste dia sagrado, a Santa Igreja entra numa profunda contemplação da sua própria origem divina e do mistério da sua vida como Corpo de Cristo. Ela recorda que os seus próprios fundamentos foram lançados não nas areias movediças da ambição humana, mas nas profundezas da Paixão de Cristo e no esplendor da Sua Ressurreição. Como o Apóstolo Paulo revela no seu discurso místico sobre o matrimónio do Céu e da Terra, Cristo amou a Igreja e entregou-se a si mesmo por ela, para a santificar e a apresentar a si mesmo gloriosa (**Efésios 5,25-27**). Este é o dia em que celebramos a Igreja como a "plenitude d'Aquele que cumpre tudo em todos", reconhecendo que não somos meramente uma reunião de almas afins, mas um organismo vivo e pulsante — a própria Carne e os Ossos do Senhor Ressuscitado. Estamos edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, sendo o próprio Cristo Jesus a pedra angular, na qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor (**Efésios 2,19-22**).

A Igreja proclama que a sua vida foi comprada por um preço infinito; não foi remida com coisas corruptíveis como prata ou ouro, mas com o precioso Sangue de Cristo, como de um cordeiro sem defeito e sem mancha (**1 Pedro 1,18-19**). Este Sangue é a "Água Viva" que a lavou, como contemplou o Vidente de Patmos: "Àquele que nos ama, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados" (**Apocalipse 1,5-6**). De cada tribo, cada língua, cada povo e cada nação, ela foi reunida — um só rebanho sob um só Pastor. Este chamamento universal espelha a antiga promessa feita a Abraão de que na sua descendência seriam abençoadas todas as nações (**Génesis 22,18**), promessa agora realizada na unidade comprada pelo sangue da Nova Aliança. A Igreja reflecte sobre o mistério de que nem as hostes celestiais nem os grandes pensadores da terra puderam encontrar a fonte da vida; apenas o Leão da tribo de Judá, a Raiz de David, foi achado digno de abrir os selos e dar vida ao mundo (**Apocalipse 5,5**).

Ao pregar hoje a sua própria vida, a Igreja descreve-se como uma casa espiritual construída de "pedras vivas" — os fiéis que foram chamados das trevas para a Sua maravilhosa luz. Fomos convocados de diversos modos de vida e variadas culturas para sermos cinzelados e ajustados sobre a Pedra Única que os edificadores rejeitaram, mas que Deus fez cabeça do ângulo (**1 Pedro 2,4-7**). Nesta arquitectura divina, já não há judeu nem grego, escravo nem livre, porque todos estão integrados na vida de Cristo. Este é o mistério da Igreja: uma comunidade que vive pela vida de Outro, uma Esposa que veste a justiça do seu Noivo, e um templo onde habita o Espírito de Deus. Ao lembrar a sua redenção em Cristo, a Igreja convida toda a humanidade a cruzar o limiar das suas portas, a ser lavada no mesmo Sangue e a tornar-se parte do edifício eterno contra o qual as portas do Hades nunca prevalecerão.

## Sábado – As Santas Mulheres:

### As Mensageiras da Manhã – As Santas Mulheres e o Triunfo do Amor

Neste dia radiante, a Santa Igreja volta o seu coração para o aromático e corajoso testemunho das mulheres Miróforas, aquelas fiéis filhas de Sião que transformaram os seus terrores mais profundos num amor ardente e sacrificial pelo Corpo de Cristo. Quando as sombras do Sábado começaram a desvanecer-se na aurora do primeiro dia da semana, estas santas mulheres não sucumbiram à paralisia do medo que dispersara os Discípulos escolhidos; em vez disso, movidas por uma devoção que superava o pavor dos selos romanos e dos guardas do templo, aventuraram-se na escuridão em direção ao sepulcro. Procuravam ungir com especiarias e mirra o Corpo quebrado do seu Senhor, realizando uma última e terna liturgia de dor que estava destinada a tornar-se uma ladainha de glória. Na sua vigília persistente, elas encarnaram o anseio da Esposa no Cântico dos Cânticos, que clamava na noite: «Levantar-me-ei, pois, e rodearei a cidade; pelas ruas... buscarei aquele a quem ama a minha alma» (**Cânticos 3,2**). O seu insone «ir e vir» junto ao túmulo foi o labor de um amor que se recusava a aceitar a finalidade da sepultura, provando que onde abundou o pecado, superabundou a graça e a fortaleza feminina.

A Igreja celebra a honra singular concedida a Maria Madalena que, através das suas lágrimas, recebeu o primeiro vislumbre do Sol Ressuscitado. Ela permaneceu como a nova Eva no novo Jardim, ouvindo o seu nome pronunciado pela Voz que outrora chamou as estrelas à existência, tornando-se a «Apóstola dos Apóstoles». Ao seu lado, as santas mulheres contemplaram a visão terrível, mas consoladora, das hostes angélicas, cujo aspeto era como um relâmpago e o vestido branco como a neve (**Mateus 28,3**). A proclamação dos anjos — «Ele não está aqui, porque ressuscitou, como disse» (**Mateus 28,6**) — despedaçou a antiga maldição que pesava sobre a mulher desde a Queda. Enquanto a primeira mulher trouxera outrora uma mensagem de morte a Adão, estas «Novas Mulheres» foram incumbidas de levar a mensagem da Vida Eterna ao mundo. Como profetizou o Salmista: «O Senhor deu a palavra; grande era o exército das que anunciavam as boas-novas» (**Salmo 68,11**), e de facto, a companhia destas mulheres tornou-se os primeiros arautos da Nova Criação.

Ao refletir sobre os relatos evangélicos de Mateus, Marcos, Lucas e João, a Igreja ensina-nos que o caminho para a Ressurreição é pavimentado com «amor fervoroso». As santas mulheres recordam-nos que o coração que busca Cristo nas trevas do «sepulcro» deste mundo encontrará invariavelmente a Luz da Sua presença. Ensinam-nos que as nossas próprias «especiarias» — as nossas orações, as nossas virtudes e os nossos sacrifícios — nunca se perdem, pois Cristo aceita a intenção do coração e recompensa-a com a visão da Sua glória (**João 20,1-18**). Ao celebrar o seu testemunho, a Igreja convida cada alma a lançar fora as «vestes de morte» do medo e a correr, como elas o fizeram, com «grande alegria» para anunciar que a Morte foi tragada pela Vitória. Este é o dia em que recordamos que as primeiras testemunhas do maior milagre da história foram aquelas cujo amor era mais forte do que a morte, e cuja fé foi a primeira a tocar a orla do manto do Senhor Ressuscitado.

Glória a Deus Todo-Poderoso!

Amém.